

5

Considerações finais

Esta pesquisa pretendia verificar o que contribuiu para que os professores entrevistados chegassem a uma etapa avançada de suas trajetórias profissionais com o sentimento de satisfação, realização e comprometimento com o aprendizado de seus alunos. Neste momento, gostaria de enfatizar algumas de suas constatações que considero mais interessantes.

Todos os professores assumiram a profissão docente. A maioria tinha, dentro das opções possíveis, feito uma escolha por esse ofício. Mesmo os que não se sentiram com vocação para o magistério acabaram vivenciando a profissão como uma escolha, dentre as possibilidades do sistema, percebendo-se com capacidade e competência para realizá-la. Alguns vivenciaram *incidentes críticos* que afirmaram essa escolha – destaque para Elisa, que “se descobre” professora após obter sucesso com uma turma especialmente difícil, em seu primeiro ano de magistério.

O início na carreira desses professores foi facilitado por uma formação inicial considerada boa, pelo menos em relação a conteúdos a serem transmitidos aos alunos. A formação do curso Normal permitiu a várias professoras a aquisição de metodologias que foram sendo atualizadas ao longo da trajetória, passando a compor a “segunda pele profissional” de algumas depoentes. A formação de pesquisa em Biologia de Sara contribuiu para que ela sempre buscasse incentivar o questionamento com seus alunos. Isso indica o impacto positivo que a formação inicial apresenta para os futuros professores.

Ainda que a maioria relatasse não ter sido preparada para o manejo das turmas, na relação com os alunos, esses professores não vivenciaram experiências traumáticas nem relataram terem vivenciado o impacto do “choque de realidade”, o que se mostra muito diferente do que a literatura nos apresenta (Esteve, 1999, 2005; Lüdke, 1996). A maioria recebeu apoio, estímulo e confiança de colegas e diretores em seu início. Suas primeiras experiências estimularam esses professores a pensarem continuamente em formas de ensinar melhor, ao mesmo tempo em que lhes transmitia um sentimento de competência, que esse grupo foi construindo sem onipotência. Vivenciaram um processo de construção destas habilidades de

manejo de sala por “ensaio e erro” (ESTEVE, 1999, 2005), e, como professores reflexivos, foram identificando os caminhos que permitiam uma melhor condução da turma.

Quanto à trajetória, esses professores apresentam a marca de atuarem em consonância aos princípios éticos que defendem. Não são especialistas técnicos, atuando conforme princípios definidos por outros. Assumem uma competência educativa a serviço dos fins que se propuseram a realizar (CONTRERAS, 2002). Quando apareciam desafios, eles os assumiam, após terem feito um “balanço de suas capacidades” (DUBAR, 2005, p. 92). A vivência de diferentes funções na docência, o trabalho em escolas que atendiam a alunos de diferentes bairros e classes sociais, tudo isso contribuiu para a “maleabilidade” das estruturas identitárias desses professores e a construção de estratégias para lidarem com novas questões. Pode-se dizer que a autonomia foi construída nas relações com seus pares, com instituições e alunos, uma autonomia que não é sinônimo de individualismo, embora preserve a individualidade de cada um. Os professores foram se construindo durante a prática, fazendo exercer sua autoridade e sua autoria.

Por isso mesmo, por estarem mobilizados com o aprendizado dos alunos, comprometidos com seus ideais educativos, esses professores não se desmobilizam frente a dificuldades; muito pelo contrário, eles procuram soluções que podem variar do enfrentamento contra medidas contrárias a seus objetivos - através de atuação em sindicatos e associações - até a procura de instituições que valorizem seu trabalho e partilhem de seus ideais. Agem como analistas simbólicos, conforme Tedesco e Tenti Fanfani (2002) sugerem sobre o papel dos novos docentes, aqueles capazes de lidar com as demandas dos novos alunos, aceitando que caminham na incerteza, sem abrir mão dos fins educativos a que se propõem atingir. Como afirmou Marina, ela aceitou o desafio de ser “pioneira”, e não foi a única desse grupo.

A relação com seus alunos foi construída pautada no respeito, no que Contreras denomina “obrigação moral” (CONTRERAS, 2002). São professores que dialogam, mas sabem que estão na escola para ensinar, fazendo questão que todos aprendam, pensando também nos valores que desejam construir com os jovens. Esses depoentes relatam terem sido capazes de construir boas relações

com os alunos. Sentem-se desafiados pelos problemas que invadem a escola, trazidos por contextos de exclusão social e de mudanças sociais. São capazes de perseverar porque acreditam no ser humano, acreditam que seu trabalho possa fazer alguma diferença na construção de uma sociedade democrática, mais justa, com maior equidade, mas não assumem *papéis impossíveis* (ESTEVE, 2005), que levariam à desesperança e à autodestruição. Têm clareza de seus limites, mas não abandonam seus sonhos: “sonhando com o ideal, pisando no real, fazendo o possível”. Lembro que a frase que inspirou o título do meu trabalho veio do depoimento de Sara, que me autorizou a utilizá-la com seu costumeiro entusiasmo.

Essa capacidade de projetar um ideal e de criar é outra constante do grupo. São professores inquietos, em tempos turbulentos. Inquietos porque têm um imenso e positivo vínculo com o saber, têm desejo de aprender até hoje, percebem-se realizados, mas não projetos acabados. Estão sempre em construção, construindo novos caminhos. São professores que refletem sobre sua prática, muitos assumindo o papel de intelectuais críticos, em movimentos de resistência ao que percebem contribuir para gerar injustiça ou desigualdade. Estão em busca de trajetos e caminhos a serem traçados em parcerias com outros. Daí a importância de se estimularem espaços de colaboração nas escolas, para que se tornem contextos de formação para professores e alunos, escolas “em movimento” (FULLAN e HARGREAVES, 2000), onde se possa refletir sobre a prática e sobre os fins da educação. Há necessidade de se criarem condições para que as escolas se tornem contextos de colaboração, onde as responsabilidades e os problemas sejam de todos, e não de cada professor individualmente, como bem define Day:

A necessidade da profissionalização do professor em um ambiente de constantes mudanças é um aspecto da ideia de que os professores são nossos heróis. As exigências provocadas pelas constantes mudanças criam uma fadiga da mente e do espírito que por outro lado transforma professores em mártires. A escolha por redefinir o profissionalismo não pode e não deve preocupar apenas aqueles que não ensinam. Os professores têm de ser ativos para criar condições de trabalho, oportunidades e espaços em que a competência, a criatividade, o correr riscos e a aprendizagem possam estar presentes. Isso não pode ser feito isoladamente. Uma comunidade profissional precisa ser construída por ideias compartilhadas e pelas experiências coletivas dos membros da comunidade. (DAY *et al.*, 2000, p. 9, tradução de Sarita Schaffel)

Meus depoentes também reforçaram a importância de parcerias com Universidades e associações, para usufruírem espaços de aprendizagem e terem oportunidade para trocas de experiências e discussão de projetos educacionais. Outra implicação desta constatação é a importância de promover espaços de troca entre diferentes escolas, de momentos em que os professores dialoguem sobre suas dificuldades, sobre experiências bem-sucedidas, em que se apropriem de saberes da prática, que construam conhecimentos e que teorizem. Para isso, porém, precisam de estímulos e de tempo.

Esses professores conseguem, juntando tudo isso, vivenciar seu ofício criando contextos de *ancoragem* (LANTHEAUME, 2006). Buscam criar novas situações, em benefício próprio e dos alunos. Detestam a monotonia, não sendo professores restritos a aulas “de cuspe e giz”. Não banalizam sua tarefa, nem vulgarizam a mudança: muitos mantêm estratégias adquiridas em seu início de atuação, atualizando-as, buscando adaptá-las aos novos tempos... Essas situações de *ancoragem* lhes dão força e ânimo para superaram a burocratização do trabalho docente – problema apontado por alguns – permitindo-lhes conviver com barreiras institucionais que entravam a realização do “bom trabalho” e até mesmo a superá-las. Entre essas barreiras, podem-se citar a falta de recursos materiais e de profissionais - inspetores, supervisores pedagógicos, entre outros - que os ajudem.

Falando em permanência e mudanças, o que ficou, o que mudou? De tudo que permanece, o mais insólito a se destacar é que permanece a mudança, ou seja, esses professores são “inquietos”, não têm medo do novo, o desconhecido é “desbravado” por eles, mas esse ato é permeado pelo respeito e comprometimento com o aluno. Esses professores buscaram, ao longo de sua vida profissional, manter-se aprendendo novas teorias com os colegas e buscando novos caminhos, instigados pelos problemas. Eles mantêm como marca identitária o prazer de continuar aprendendo. Alguns mantêm sim uma “segunda pele profissional”, de aprendizados desde a formação inicial e ingresso na carreira, em aspectos metodológicos, que ressignificam constantemente, mantendo a essência: a metodologia de projetos, os teatros e jogos, a consulta a novas produções da área disciplinar para atualização dos conhecimentos. Mantêm também seu sentimento de competência e seu compromisso com a educação. Daí, a segunda pele de alguns incluir uma militância ativa em prol da profissão, contra a precarização do

trabalho docente e a degradação da escola pública, bem como pela melhoria da qualidade da educação, educação esta entendida como um projeto em construção, a ser redefinido permanentemente, considerando também os desejos dos alunos, da comunidade educativa.

Quanto às mudanças, destaco o fato de muitos se perceberem mais flexíveis no lidar com colegas e alunos, a partir da maturidade e experiência adquiridas. Como afirma Lauro, no início, o professor faz prevalecer a autoridade; depois, a confiança e o conhecimento. Outro aspecto importante é que os professores aceitaram o desafio de mobilizar os alunos para o conhecimento. Não ficaram paralisados frente às novas tecnologias. Mesmo quando aparece um discurso saudosista, isso não impediu que esse grupo de docentes enfrentasse o desafio de ensinar aos novos alunos e de tentar transmitir a eles o prazer que usufrui ao aprender.

Da mesma forma, esses professores aceitaram o desafio de repensar sua função, enquanto professores, face às mudanças sociais vividas no mundo, como um todo. E o fazem questionando o que é ou não é tarefa para os professores, solicitando a presença de outros profissionais na escola, questionando a carência de uma socialização primária prévia, alguns questionando a queda de qualidade no que entendem por ideal na educação. Entretanto, com todos os problemas, esses professores não sucumbiram, estão fazendo sua parte, ressignificando seu papel na sociedade. São “adultos significativos” para esses jovens, são vistos como modelos, sendo procurados para aconselhamento. Estão buscando tornar a escola um espaço contracultural (Tedesco, 2008), um local privilegiado que propicie experiências que esses jovens não teriam fora da escola, nas comunidades em que estão inseridos.

Os professores que entrevistei sugerem ter conseguido um “equilíbrio”, usando a palavra de Lauro, na sua forma de viver a profissão. Equilíbrio entre o entusiasmo, a criatividade, a inovação e a manutenção de estratégias metodológicas e de sua identidade profissional que distingue cada um desses professores. E, nesse equilíbrio, aceitam também não serem unanimidades, terem seus dias difíceis, conviverem com eventuais momentos de desânimo. Aprenderam a aceitar que nem sempre terão sucesso e nem tudo sairá perfeito. Ter equilíbrio é também aprender a conviver com o possível...

Aqui destaco algo imprescindível: para manter o comprometimento e entusiasmo dos professores é importante oferecer perspectivas de evolução, a saber: formação continuada, planos de cargos e salários, oportunidades de pertencerem a uma comunidade educativa mais ampla que a escola. Os professores precisam vivenciar trocas de saberes e experiências, sair da rotina, revisitar o cotidiano, precisam se “alimentar”. Alguns dos meus depoentes vivenciaram experiências inovadoras, tais como as de implementação de currículos e de formação de professores. Outros mantiveram intensa atuação política. Outros ainda foram realizar cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado. Apropriaram-se, cada vez mais, de seus saberes experienciais, tornaram-se produtores de saberes. E sinalizaram a importância desse investimento.

Enfim, não há um fator isolado que tenha *conformado* esses professores, mas um conjunto de fatores, entre os quais pode-se citar o fato de terem optado pela profissão docente, estando a serviço do outro, com uma boa formação inicial, um início com apoio de colegas e gestores. Outros fatores importantes dizem respeito à percepção de saber que não estão prontos, que precisam continuar estudando, alterando conteúdos, métodos; de se perceberem competentes; de assumirem sua autoridade - sem prepotência - em sala, com os alunos, e fora de sala, com gestores, representantes governamentais e famílias; de quererem o convívio com os jovens. Em especial, acredito que esses professores valorizam a escola pública, a escola em que estudaram, valorizam-na como um espaço de construção de cidadania, de democracia, de relações justas, de contracultura. A maioria desses professores vivenciou com orgulho a abertura política e a da escola para as classes populares. E fazem questão de continuar “fazendo a diferença” para seus alunos. É um grupo que pensa no coletivo. Sua satisfação pessoal extrapola seu próprio bem-estar (embora saiba cuidar de si) e pensa no estar a serviço do jovem. Principalmente, além de seus ideais e respeito ao outro, de espíritos inquietos que os impulsionaram a vivenciar desafios sempre, esses professores são apaixonados pelo saber e pelo ser humano.

Quanto às limitações deste estudo, gostaria de ressaltar algumas.

Por uma questão de tempo, não pude realizar mais do que as dez entrevistas planejadas. Gostaria de ter entrevistado mais professores de algumas outras

disciplinas, para verificar se haveria perfis de professor de Matemática, Português, História...

Também foi difícil encontrar professores que respeitassem todos os critérios previstos, ainda atuando em escolas públicas. Muitos dos que me foram indicados, como já informei, se aposentaram e estão trabalhando em instituições federais ou privadas, o que contribuiu para a manutenção da previsão inicial de dez docentes a serem entrevistados.

Busquei, dentro dos depoimentos, identificar constâncias nas falas, que me permitissem ver um perfil mais claro de cada docente. Ainda assim, é preciso ter claro que os professores podem estar falando de sua identidade virtual e não de como são reconhecidos pelos outros (Dubar, 2005, p. 129). Como a pesquisa queria apurar como cada docente se sente em relação à profissão, essa foi a perspectiva assegurada.

Esta pesquisa sugere algumas temáticas para outros estudos. Há um enorme e rico material sobre as práticas desses docentes, algumas muito inovadoras. Seria interessante e produtivo aproveitar esse material para uma pesquisa sobre as práticas desses professores entusiasmados, aliada à observação das mesmas. Assim se poderia indagar sobre os fins educativos propostos pelos professores e a adequação das estratégias e metodologias propostas aos alunos, e ainda sobre o trabalho colaborativo nas escolas. Outra possibilidade seria pesquisar como os alunos percebem esses professores e, a partir daí, contrastá-los com professores mais novos. Haveria diferenças de aspectos valorizados pelos alunos em seus professores, de acordo com a etapa de carreira em que se encontram?

Enfim, as sugestões são muitas, mas não posso deixar de reforçar a importância de os gestores valorizarem o trabalho bem feito dos professores e a importância de políticas de valorização do magistério e de estímulo à formação de docentes. Seria viável pensar em projetos que estimulassem, inclusive através de remuneração, os professores experientes que fazem um belo trabalho, a se tornarem mentores de professores-estagiários ou iniciantes, como ocorreu na experiência realizada por Lüdke (2007), descrita por Rodrigues (2009), em que professores da escola básica participaram de pesquisa sobre o estágio, recebendo alunos das Licenciaturas? E estimular que mais professores, como alguns do que entrevistei fazem, a registrarem suas experiências, de forma a partilharem com

colegas seus saberes da prática? Marina, com uma prática tão rica, confessa que a “arrogância da academia” a faz acreditar que ela não tenha com que contribuir para a mesma. É um desafio estimular e dar condições a professores instigantes, para que deixem suas práticas registradas, que partilhem os saberes construídos, para que os mesmos não se percam e possam ser discutidos por uma comunidade maior do que a de seus relacionamentos próximos. Para isso, é imprescindível oferecer condições: tempo, liberação para estudo, bolsas...

Se é que é possível encerrar, mas aceitando que todo trabalho precisa ter, ainda que provisoriamente, um fechamento, gostaria de deixar dois pensamentos de autores que me marcaram muito ao longo deste trabalho. Começo com uma citação de Esteve:

A única coisa verdadeiramente importante são os alunos... Essa enorme empreitada que é um sistema educacional não tem como finalidade nosso brilho pessoal; nós estamos aí para transmitir a ciência e a cultura às novas gerações, para transmitir os valores e as certezas que a humanidade foi reunindo com o passar do tempo e para advertir as novas gerações sobre o alcance de nossos grandes fracassos coletivos. Essa é a tarefa com a qual temos de conseguir identificar-nos (ESTEVE, 2005, p. 124).

As duas primeiras linhas dessa citação revelam um dos traços desses professores que mais me marcaram, e que acredito que sejam a chave de seu sucesso: sua preocupação não é com o seu sucesso e seu brilho, mas com a criação de condições para que seus alunos possam aprender, possam se tornar cidadãos do mundo. Em especial, esses professores, com seu amor pelo saber, buscaram “cuidar da sua herança”, aumentando-a, para transmiti-la renovada aos mais novos (Lüdke, 2006). Esse grupo de professores manifestou em seus depoimentos um enorme e profundo respeito pelo outro, por seu aluno, pela humanidade. Respeitando seus próprios limites, mas sem abrir mão de seus ideais, eles aceitaram o desafio mencionado por Arendt:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o suficiente para assumir uma responsabilidade por ele e dessa maneira salvá-lo da ruína inevitável se não aparecesse o novo, o jovem. E a educação também é de onde decidimos se amamos nossas crianças o suficiente para não expulsá-las do nosso mundo e deixá-las liberados a seus próprios recursos, nem tirar de suas mãos a possibilidade de levar a cabo algo novo, algo que nós não prevíamos, se os amamos o suficiente para os preparar por antecipação para a tarefa de renovar um mundo comum (Arendt, 1961, p. 196, apud Dussel, 2006, p. 168-9).